

V!RUS10

>DIY//
DO IT
YOUR
SELF!+

revista do nomads.usp | nomads.usp journal
issn 2175-974x | CC BY-NC
vnomads@sc.usp.br

Wikipraça: reinventando o espaço público de São Paulo. Bernardo Gutiérrez

Como citar esse texto: GUTIERREZ, B. Wikipraça: reinventando o espaço público de São Paulo. **V!RUS**, São Carlos, n. 10, 2015. [online] Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus10/?sec=5#sect56>>. Acesso em: dd mm aaaa.

Bernardo Gutiérrez é Cientista da Informação, jornalista, escritor e pesquisador de redes. Fundou a rede Futura Media, que coordena o projeto Wikipraça Arouche - #WikipraçaSP, e colabora em alguns dos mais conhecidos jornais e revistas do mundo, como National Geographic, GEO, El País, Público (Lisboa), La Repubblica (Roma), Playboy, Voque, Esquire, Der Tagesspiegel (Berlim), Clarín (Buenos Aires), entre outros.

Palavras-chave: V!10, *Do It Yourself*, espaço público, cultura digital, ação cultural.



Fig. 1: Wikipiazza (Hacktitectura, Espanha), projeto Wikipedia Monmouth (País de Gales), Gezi Park, Istanbul (Fonte: Bünyamin Salman) e festiATO Parque Augusta, São Paulo (Fonte: Vitor Prat)

Como seria uma praça que funcionasse como a Wikipédia? Como seria lido um espaço urbano no qual qualquer pessoa pudesse adicionar parágrafos, objetos, como se fosse uma entrada da Wikipédia? Como seria a gestão coletiva do seu conteúdo? Quem escreveria as normas? Que processos ativariam a inteligência coletiva? Desde o nascimento da Wikipédia, o termo *wiki* (que significa 'rápido' em língua havaiana) tem virado sinônimo de coletivo, de colaborativo. A enciclopédia feita por poucos é vertical. A Wikipédia, cozinhada por muitos, é inteligência coletiva. Curiosamente, nos últimos anos, o imaginário participativo do wiki está permeando tudo. Da economia à cultura, da educação à ecologia. Ainda que não possamos falar de wikiurbanismo como tendência ou método consolidado, existem várias práticas que unem o wiki e o urbano.

Um dos primeiros casos de wikiurbanismo foi o projeto Wikiplaza, do coletivo espanhol Hackitectura, desenvolvido a partir do ano de 2006. Uma estrutura física, de estética *cyberpunk*, que ocupava temporariamente o coração de uma praça, era a metáfora perfeita da conexão digital entre os espaços físicos e um protótipo de Governo em rede. Por outro lado, o projeto WikiBrest (França) investiga a revitalização coletiva do território usando um wiki digital (um tipo de *site* colaborativo) e promovendo encontros físicos. A própria Wikipédia está incentivando a ligação entre espaços urbanos específicos e entradas escritas coletivamente no seu projeto Monmouthpedia (País de Gales): um simples código QR facilita a ponte Internet-espaço urbano a partir de qualquer telefone com acesso à Internet. O wiki é mais do que um termo, muito mais do que uma plataforma digital. O wiki é principalmente uma atitude. Um imaginário, um desejo de fazer coisas em conjunto, de habitar o vazio com novas relações.

A tecnologia evoluiu muito na última década. Tanto que a cúpula futurista da Wikiplaza, aquele primeiro sonho, não é mais necessária. Hoje em dia, o espaço público é ocupado por fios wikis, por trilhas de conexão sem fio que conectam idéias, desejos. Uma foto de um lugar, compartilhada em qualquer rede social, se comunica com usuários do mundo todo. Uma *hashtag* conecta em tempo real as ruas de São Paulo com Bogotá ou Moscou. A realidade é mais híbrida do que nunca: analógica e digital. Os pixels se misturam com a calçada. As arrobas, com a sombra da jabuticabeira. As galerias de fotos digitais, com os muros de pedra.

A Wikipraça Arouche – #WikipraçaSP, que existe há meio ano no Largo do Arouche, em São Paulo, teve uma pele mestiça de *bits* e átomos. A Wikipraça não instalou estruturas físicas ou idéias acabadas: foi e continuará sendo um espaço para desenhar coletivamente relacionamentos, desejos, demandas. Tem sido mais uma página em branco do que um poema intocável.



Fig. 2: Identidade gráfica do projeto WikipraçaSP - Wikipraça Arouche.

Wikipraça como método

Os seis primeiros meses do projeto já modificaram o código original da Wikipraça. Cada território é único. Não servem as fórmulas predeterminadas e as soluções fechadas. Sobretudo no Largo do Arouche, um espaço plural e heterogêneo, no qual se misturam a boemia de São Paulo, os muito diversos públicos LGBT, os imigrantes nordestinos e uma nova onda de jovens (*free lancers*, criativos, *designers*...). Embora o Arouche seja um oásis verde no centro da cidade, não está isento de problemas, conflitos e tensões. Os diferentes públicos não falam muito entre si. O espaço ainda é estigmatizado por alguns paulistanos. Além disso, o espaço Arouche é um território vivo, já ocupado. Rapidamente percebemos que o Arouche não precisava de uma intervenção clássica (ocupar o espaço público), mas sim de uma mediação.

Temos, portanto, ativado muitos mecanismos de escuta do território Arouche: muitas conversas informais, reuniões e palestras, oficinas, bate-papos, filmagens... Lançamos, por exemplo, uma série de entrevistas curtas, [#VocêoArouche](#) com protagonistas do território (vendedores de rua, vizinhos, comerciantes, frequentadores, ativistas LGBT ...). Em paralelo, abrimos uma planilha num Google Drive para mapear todos os protagonistas do território, divididos em categorias. O mecanismo de ação e escuta foi analógico e digital, híbrido. Na Internet, o projeto Wikipraça conta com diferentes canais. Facebook é o mais importante: temos um grupo no Facebook, uma conversa coletiva intitulada WikiArouche, eventos para as principais ações, e o perfil WikipraçaSP (sem *fan page*) que facilita a interação. Temos perfil no Twitter (para o diálogo com as pessoas relevantes e comunicar o processo) e Instagram (mais interações emocionais). Usamos uma lista de e-mail aberta (em servidores autônomos e gestor Mail Man, *software* livre) e uma lista fechada para o grupo mais ativo. A equipe do projeto também criou um grupo no WhatsApp e outro no Telegram. Territórios vivos, em tempo real, formados por informação distribuída. Eis uma das caras da Wikipraça.

Por outro lado, trabalhamos com uma árvore de documentos no TitanPad.com (a maioria abertos), planilhas no Google Drive e no Trello para organizar tarefas. A maioria das camadas digitais estão abertas à participação de todos. Por exemplo, para recolher ideias, ativamos um PAD coletivo intitulado *Idéias de ações e intervenções*. Entendemos o trabalho de comunicação como comunicação-ação em

redes multi-camadas, em plataformas transmídia. O território é, sem dúvida, uma das camadas ou plataformas mais importantes.

No território Arouche, temos desenvolvido várias ações. *Workshops* sobre memes e participação em redes sociais. Ou sobre a construção de mobiliário urbano com licença *copyleft*. Fizemos também alguns convívios (debates digitais) projetados em uma tela no largo do Arouche, como *Corpos Políticos* (micro, feminismos e multidão) ou *Baderna Brasil* (novos movimentos e táticas de protesto). Nos *hang outs* participaram ativistas do Brasil todo. O diálogo em tempo real a partir de diferentes cidades é um vislumbre feliz do espaço glocal (global e local) e híbrido (digital e analógico).

Uma das experiências mais potentes, inspiradoras e, ao mesmo tempo, conflituosas foi a instalação da Wikirede. A rede acabou morrendo, algumas semanas depois, tornando visíveis os principais problemas do território. Criamos um PAD coletivo para relatar de forma conjunta o processo. Reproduzo aqui parte do conteúdo do *post*: (Ver *post* completo em <http://wikipraca.org/nascimento-e-morte-de-uma-rede/>)

"Nascimento e morte de uma rede

Construída de forma colaborativa por parceiros do WikiPraça numa quarta (17/12) ensolarada, moradores e frequentadores da praça, a WikiRede alterou a dinâmica do Largo do Arouche. No início da atividade, Mister, do coletivo Basurama, apresentou ao grupo as técnicas de amarração das cordas e os diferentes suportes possíveis. O grupo fez um estudo de campo para avaliar o melhor lugar para construir a rede. Seriam construídas duas redes entre quatro grandes vasos de plantas, dispostos no meio da praça, em frente à banca de jornal.

A cultura de *design* no Brasil está muito afastada do que na real acontece no espaço público. Um objeto como a rede é muito popular na vida privada dos brasileiros. O espaço urbano poderia estar cheio de móveis pendurados, tecidos e leves quanto a rede, com tamanho suficiente para uma ou várias pessoas deitarem. Mas não é isso o que acontece. Pelo contrario a mobília de nossos parques é pesada e simples. O banco de concreto que encontramos hoje na maioria dos espaços urbanos é desenhado com objetivo de ser econômico e de não permitir as pessoas encostarem horizontalmente (contra o uso do morador de rua).



Fig. 3: WikiRede Fonte: Coletivo WikiPraça

Umás semanas depois de ser construída começaram surgir problemas. Alguns moradores e frequentadores argumentavam que a WikiRede tinha atraído ladrões e moradores em situação de rua. Alguns comentaram que uma pessoa assaltou a banca de jornais, depois de ficar deitado na rede observando o movimento do jornalista. No mesmo dia em que o projeto #WikipraçaSP – Wikipraça Arouche organizou o debate sobre Gentrificação, um grupo de pessoas cortou uma das duas redes. Alguns participantes do projeto conversaram com elas, que argumentavam que a rede trazia problemas para a praça: drogas, sexo, tensões. Outros moradores, como Mariza Pinto, na mesma conversa, defenderam a rede como espaço comunitário de lazer. Poucos suspeitavam que a segunda rede também desapareceria. Os participantes do projeto #Wikipraça convidaram todo mundo para uma conversa sobre a #WikiRede. Porém, nenhum dos detratores compareceu em nenhuma assembleia. A segunda #WikiRede morreu. Um frequentador do largo do Arouche ajudou as detratores da #WikiRede e retirou a última das redes do vaso. Foram só três pessoas, segundo o depoimento do Hécio Beclair, as responsáveis pela morte da rede.

O nascimento e a morte da #WikiRede é uma metáfora perfeita da dificuldade da criação de rede, de redes. Redes humanas, nas quais os espaços físicos e a infraestrutura criada nem sempre ajudam. A infraestrutura pode piorar o diálogo e o trabalho coletivo. Mas consideramos que a rede, no caso, a #WikiRede, não era o problema. Os problemas eram outros. A #WikiRede colocou sobre a mesa perguntas bem instigantes para o projeto #WikiPraça e para a sociedade.

A história da #WikiRede confirma uma das principais conclusões do projeto: a extrema dificuldade de diálogo dos diferentes públicos do Largo do Arouche. Também manda um recado para os articuladores e criadores de redes (especialmente para os gurus da rede) que pensam que só a infraestrutura resolve a rede.

Por diferentes razões, outra rede criada o ano passado no Parque Augusta teve a mesma sorte. Durante um festival, nas árvores do Parque foram instalados balanços e foi criada uma rede tecendo duas árvores quebradas no chão. Tanto no Parque Augusta quanto no Largo do Arouche, as redes encaixam em um complicado contexto histórico de colaboração e cuidado com o espaço público. Mas não é fácil quebrar a inércia desses espaços. São muitos anos de descaso e de concreto.

A rede é muito mais que infraestrutura. é muito mais que um espaço físico, que conexões físicas (sejam bits ou nós). A Rede é uma atitude. É um processo, é um método de escuta e cocriação."

No entanto, acho que o destaque do processo Wikipraça Arouche é que tivemos, toda quarta-feira, uma assembleia entre moradores e frequentadores do largo do Arouche. Os públicos que não se falam estão começando a se falar. Um dos objetivos da assembleia é pensar sobre o que fazer durante todo o projeto Wikipraça e o que fazemos de forma conjunta no território. Na assembleia, surgiu uma das propostas mais agregadoras do processo todo: a #WikiHorta, uma horta comunitária. A ideia surgiu de uma vizinha. Por outro lado, há uma #WikiMural para escrever idéias e propostas. A surpresa é sempre parte do projeto. A prancheta digital, com ideias para o Arouche, junta-se ao mecanismo coletivo no território. E a praça e sua conversa voltam novamente à Internet no texto Escutando o Arouche, em que nuvens de palavras visualizam os desejos da comunidade Wikipraça Arouche. As novas narrativas são importantes. Por isso, fizemos uma primeira facilitação gráfica no debate Autonomias Urbanas, para entender as conversas que circulam pelo Arouche.

Enfatizo novamente a dupla face da Wikipraça. Por um lado, ativa mecanismos coletivos, capacita e incentiva a auto-organização. Por outro lado, cria um diálogo institucional não-linear, no caso entre a prefeitura e cidadania do Arouche (não só com moradores). Será que a nova política pública deve ativar, proteger e legitimar a autonomia urbana, ao invés de tentar gerenciar todos os processos? Eu suspeito que as novas instituições não vão surgir dentro de instituições públicas. Elas vão nascer entre as ruas e as redes, entre as práticas do comum e o poder público. No entanto, o poder público deve apoiar, incentivar e proteger, em todos os sentidos (principalmente com recursos), essas novas instituições do comum. É importante também marcar distância em relação à *Big Society* britânica ou ao novo conceito de Holanda Colaborativa, que são propostas destinadas a acabar com o Estado, colocando a responsabilidade nos cidadãos, sem repasse de recursos.

Filhos de junho?

As jornadas de junho de 2013, que explodiram em São Paulo, foram um verdadeiro furacão no Brasil: manifestações massivas, ocupações de prédios públicos, aulas públicas na rua, novas subjetividades políticas. “Não haverá retorno ao normal”, ostentava um cartaz de junho de 2013. E assim foi. A irreverência de junho desdobrou-se em múltiplas iniciativas, projetos e processos. Junho cristalizou numa nova ficção política de cidadãos tecendo política e relações fora dos espaços habituais. Para Jacques Rancière, uma ficção política ativa três processos simultaneamente: cria um nome ou um personagem coletivo, produz nova realidade e interrompe a realidade existente. As revoltas dos vândalos, dos autoproclamados *baderneiros*, abriu a porta a uma nova realidade. Uma nova realidade feita de guerrilhas de permacultura, pianos no metrô e bicicletas compartilhadas. Em São Paulo, o triângulo carro-*shopping*-condomínio foi interrompido por um desejo ardente de rua, por outra participação urbana possível, por protótipos coletivos construídos e melhorados em tempo real.

São Paulo está, de fato, experimentando uma nova normalidade que vai substituindo gradualmente a inércia capitalista e individualista artificialmente fabricada durante décadas. Da tentativa de gestão coletiva do Parque Augusta à intervenção constante do Batata Precisa de Você, das atividades do Parque da Nascente às muitas novas hortas comunitárias, São Paulo muda de pele. E o desejo urbano de junho, o palpite de outra cidade possível, parece estar influenciando as políticas municipais. Junho provocou o nascimento da Coordenação de Promoção do Direito à Cidade, na Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania da prefeitura de São Paulo, numa nova era municipal governada por Fernando Haddad (PT).

O furacão chamado junho acelerou sonhos que pareciam impossíveis: centenas de quilômetros de ciclovias, experiências como a Zona Verde (ocupação temporária de vagas de carro na Zona Azul, os chamados *parklets*), um novo edital municipal de *Redes e Ruas* que disponibiliza dinheiro público para projetos de ocupações urbanas. E três projetos-piloto para incentivar a cidadania nas ruas. O Wikipraça Arouche #WikipraçaSP é um deles.

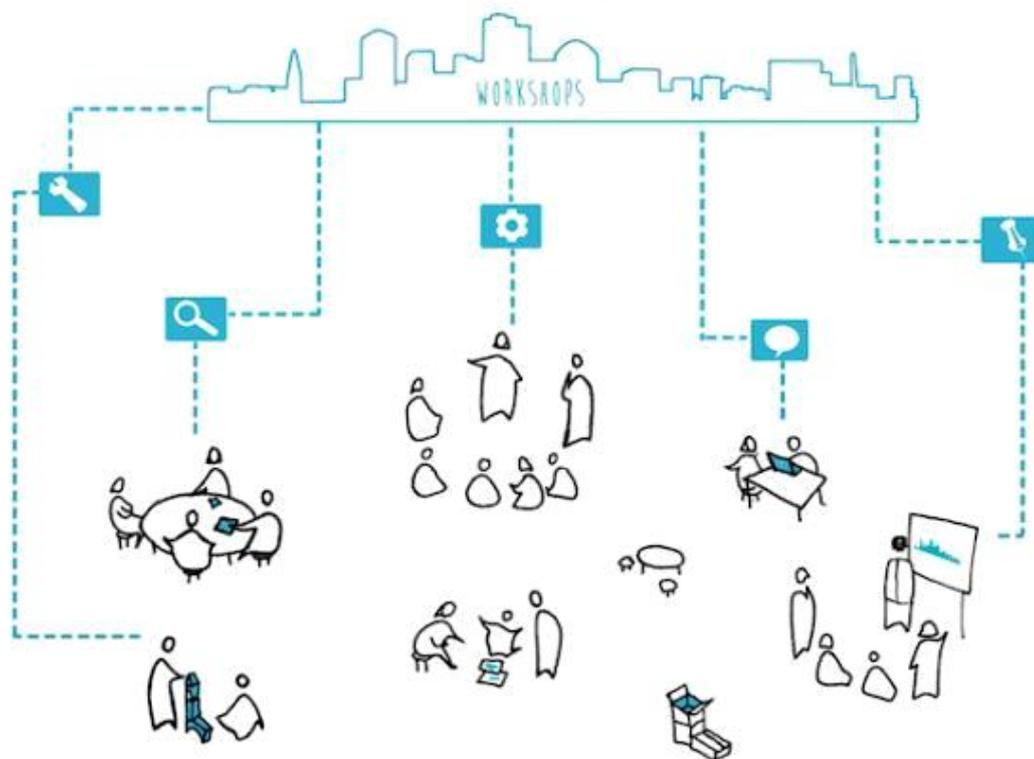


Fig. 4: Workshops. Fonte: ThinkCities.org.

Cidades rebeldes

Da praça Tahrir, do Cairo, à Puerta del Sol, de Madri, do Zucotti Park, de Nova Iorque, ao Parque do Cocó, de Fortaleza, do Gezi Park, de Istambul ao Largo da Batata, em São Paulo. As cidades do mundo ainda estão de pé. De pé contra o neoliberalismo urbanístico que massacra o verde e os encontros humanos no espaço público. Mas as cidades rebeldes de que fala David Harvey não apenas lutam contra o "urbanismo parasitário". Não são antagonistas. Não geram só as clássicas resistências. As cidades rebeldes constroem, cozinham protótipos imperfeitos, sementes do mundo novo. Enquanto o mercado tenta se apropriar do imaginário das cidades colaborativas com seu urbanismo start up, os cidadãos reinventam resiliências, mutações, adaptações. Renovam, amando, sua desejada cidade invisível.

O que é exatamente a Wikipraça Arouche, a #WikipraçaSP? Wikipraça Arouche, em vez de uma consequência das revoltas globais ou das jornadas de junho, é uma confluência de desejos e necessidades, das subjetividades e práticas que estão redefinindo a relação entre os seres humanos e as cidades. Em primeiro lugar, a Wikipraça Arouche é uma definição aberta, em construção. É um dispositivo inacabado, um aplicativo para ser concluído por seus usuários. Wikipraça Arouche é um método colaborativo. Quer ser uma ponte entre as diferentes comunidades do Arouche e São Paulo. Talvez seja uma nova interface de política distribuída entre os cidadãos e instituições. Um espaço comum para ser habitado de outra forma. Será um imaginário em rede, moldado por tod@s, tentando encaixar-se no Largo do Arouche como uma sutil segunda pele. É já uma nova paisagem para o conjunto de relações e emoções que compõem a definição de território do baiano Milton Santos. A Wikipraça é um espelho de desejos, um megafone para formular propostas.

Wikipraça Arouche, #WikipraçaSP, também é uma ficção política. Uma ficção-realidade na qual cabem muitas outras. #WikipraçaSP pode ser uma personagem, uma máscara coletiva. Cria uma nova realidade, mas cozinhada pelos habitantes e freqüentadores do Largo do Arouche. A arquitetura clássica colocaria mobiliário urbano e respostas no espaço urbano. A Wikipraça chegou no Arouche com perguntas (O que você quer para o Largo do Arouche?), com métodos flexíveis, com ferramentas analógicas e digitais, com mecanismos para procurar respostas coletivamente.

A Cartografia Afetiva, que está mapeando os afetos, memórias e desejos do Arouche, é um dos eixos do projeto, que irá evoluindo nos próximos meses. No post [Uma cartografia afetiva para o Arouche](#) falamos sobre ela:

"O mapa não é o território". O termo cunhado por Alfred Korzybski indica que cada um nós cria uma representação do mundo de acordo com aquilo que sentimos, de acordo com nossa visão, audição, tato, olfato, paladar, vivências, traumas, experiências. Mas esse mapa mental que criamos não é o território, ou seja, não é a realidade. O nosso mapa mental não representa a realidade porque esta é apenas a minha, ou seja, uma única forma de ver e perceber o território. O território, em verdade, é muito mais complexo do que um único mapa. O território é a trama de mapas criados na mente de cada uma das pessoas. O território é a multiplicidade de camadas, olhares, memórias, sensações, sonhos e desejos que compõem um determinado espaço. O território é mais um conjunto de relações subjetivas que uma soma de dados objetivos.

As respostas precisas a essas perguntas não existem. Elas são múltiplas e cambiáveis, a depender do ângulo, do dia ou da hora. Só tem uma certeza: as respostas não se encontram em um mapa clássico. Por isso, o projeto #WikipraçaSP – #Wikipraça Arouche começa um novo caminho cartográfico para o Arouche. Uma cartografia viva, afetiva, emocional, para achar espaços comuns para todos os públicos do Arouche."

Uma frase para ir finalizando: nossos corpos são o *hardware*, nosso comportamento é o *software*. A Wikipraça Arouche aspira a ser um novo *software*, um processo comum e livre, para o largo do Arouche. E uma frase do tamanho de nosso desejo: a #WikipraçaSP quer ser um novo aplicativo para corpos e praças. Um aplicativo que tomara que faça funcionar o espaço público de São Paulo de uma forma mais humana, mais coletiva.

Vamos colocar no *Wordpress* um novo *template* multi site da Wikipraça/WikiSquare. Nosso *design* será código compartilhado. Qualquer pessoa terá o *template* e nosso método para construir e inventar sua própria Wikipraça.